

Universidade

Livre

Telefone n.º 4322

Instruir é construir.

V. HUGO

A vida deve ser uma educação incessante sem treguas; é necessário aprender desde o nascimento até à morte.

G. HAUBERT

BOLETIM MENSAL

SUMARIO:

CONFERENCIAS E LIÇÕES NA UNIVERSIDADE

O Mitraísmo, por Agostinho de Almeida pag. 155

VIDA ASSOCIATIVA DA UNIVERSIDADE LIVRE

O protesto contra a destruição de monumentos artisticos da Belgica e França..... » 159

Sessão solene para a inauguração dos trabalhos escolares no ano lectivo de 1914-1915..... » 166

Livro de Francês » 169

QUESTIONARIO » 170

Balancete do mês de Outubro de 1914 » 172

ANO I

N.º 10

OUTUBRO DE 1914

LISBOA.

PROPRIETARIO: Universidade Livre.

DIRECTOR E EDITOR: Antonio M. Pires.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: —

— Praça Luis de Camões, 46, 2.º

Composto e impresso na Tipografia

Eduardo Rosa, Rua da Madalena, 31

PREÇOS:

AVULSO, 5 CENT.

ASSINATURA ANUAL, 50 CENT.

CONFERENCIAS E LIÇÕES

NA UNIVERSIDADE ❧ ❧ ❧

O Mitraísmo

(Realizada em 7 de Junho de 1913, pelo sr. Agostinho de Almeida)

(Continuação do numero anterior).

Eles criam igualmente nos prémios do ceu ⁽¹⁾ e castigos do inferno, como consequência do mérito ou demérito das nossas acções. ⁽²⁾ Alem do céu e do inferno admitiam um estádio intermédio, chamado «Hamstakan», a que eram condenados temporariamente aqueles, cujas más obras equilibravam as boas. Os que tinham a desventura de cair aí, só receberiam a sua sentença definitiva no dia do juizo final, dia este em que tal estádio devia terminar. Como transparece do sobredito, as concepções da Igreja católica referentes ao purgatório, são muito semelhantes, tão semelhantes que seria difficil attribuir tal analogia a um mero acaso. E donde terá o Cristianismo haurido a idea do purgatório? Os Evangelhos parece ignorarem por completo a sua existência e o mesmo se diga de todos os escritos genuinos do Antigo e Novo Testamento.

⁽¹⁾ Mitra é o pai celeste que acolhe as almas dos que praticaram o bem, e as introduz na sua morada deslumbrante, como filhos vindos de uma longa viagem. Dussaud, «Notes Myth. Syr.»

⁽²⁾ Foi sempre estilo das diferentes religiões apontarem aos mortais, para as regiões do infinito, aonde nos asseveram encontrar-se a beatitude perfeita, que é o alvo, para onde convergem todas as nossas aspirações.

O gesto dum ser, que aponta a todos os que choram, para um paiz povoado de maravilhas e refrigerios, como prémio das suas lágrimas, é de certo um gesto sublime e por extremo consolador.

Infelizmente, não será esse gesto destituido de toda a objectividade, não será ele apenas a mera expressão das aspirações do ho-

Verdade é que alguns teólogos e apologistas pretenderam provar a existencia do purgatório com alguns textos de uma das epistolas de Paulo aos Corínteos: deve-se, no entanto observar que hoje já se encontram varios autores entre os mesmos católicos, que inspirados por uma crítica mais inteligente e imparcial reconhecem e confessam a inanidade de tais provas. Os críticos liberais são também unânimes em afirmar que a idéa do purgatorio católico é uma idéa totalmente alheia aos escritos genuínos tanto do Novo como do Antigo Testamento. (cf. Littledale). Não terá esta idéa derivado, em parte das idéas pérsicas? Alguns autores assim o julgam. Os Mitraístas criam também num juízo particular logo a seguir á morte juízo universal, no fim dos tempos, acompanhado de um e num cataclismo ígneo. Eis aqui um trecho da escatologia mitraítica, que nas suas linhas gerais data de séculos antes da nossa era. Um touro maravilhoso, a personificação do mal, aparecerá no fim do tempos, Mitra descenderá então de novo á terra e resuscitará todos os homens. A humanidade reunir-se-ha em uma grande assembleia, o deus da Verdade separará os bons dos maus e em seguida imolará esse touro e oferecerá aos bons uma bebida, que lhes garantirá a immortalidade. Imediatamente descenderá do céu um fogo devorador que assolará os maus.

Assim a derrota do genio do mal será completa e a partir deste momento o Universo reconstituído por Mitra disfrutará duma paz inalterável e de uma felicidade perfeita. ⁽¹⁾

Alguns autores têm defendido que estas idéas influenciaram, se é que não originaram as idéas da escatologia judaica e cristã. Seja, porém, como fôr, o que é certo

mem, para a felicidade, que elle não pôde deparar na terra, e por isso se compraz em fantasiá-la nas regiões do além campa?

Esta aspiração de que os teístas têm lançado mão e em que tanto têm insistido os apologistas contemporâneos prova porventura a objectividade do alvo a que se dirige tal sentimento? Notemos que tal aspiração é um fenómeno natural a um ser racional e que em vez de implicar a existencia do seu termo, pôde apenas ser uma manifestação do instinto da conservação própria e do bem estar, uma resultante do nosso egoismo ou amor próprio.

⁽¹⁾ Windischmann, «Zoroastrische Studien»; Boundadish, c. xxx; Plut. «De Iside.»

é que elas datam no Mitraísmo de uma época muito anterior ao Cristianismo e que as ideias das primeiras gerações cristãs, neste particular, são evidentemente lendárias, em boa parte (cf. Papias, Justino, etc.)

O apocalipse, em especial, oferece-nos um paralelo extraordinário com as ideias Mitraíticas, onde o génio do mal nos é igualmente apresentado sob a figura duma bêsta feroz, que se esforça, por fazer mal aos homens, e atraí-los ao seu campo e que por fim entra em batalha com o génio do bem, é derrotada e encerrada para sempre nos abismos, em companhia dos seus seqüazes.

A moral mitraítica era de uma grande pureza, como no-lo atestam os mesmos escritores cristãos. Hausrath nos diz que o que em Roma tornou mais simpático o Mitraísmo foi a idéa fundamental de que a divindade estava em luta constante com o Mal.

O facto de Mitra se apresentar como o casto deus da luz solar, a que nenhum mito attribuia senão virtudes, alienou muitos corações do Capitólio, para os atrair ao seu culto.

Os mais nobres caratêres da historia da Roma imperial, tais como Antonino Pio, Constancio Cloro, Juliano e Cómodo honraram o Mitraísmo com a sua protecção. O Mitraísmo era uma religião de santidade interior. «Bons pensamentos, boas palavras e boas acções» «*Humatem, Huktem, Hvarestem*» tal era o seu lema.

A sua moral apresentava até uma feição superior á do Cristianismo. Ao passo que esta põe o sumo bem na vida contemplativa «*Maria optimam partem elegit*» o Mitraísmo, pelo contrário punha-o na vida activa. Para os mitraístas a vida era uma prova, uma luta entre o Bem e o Mal; para dela sair vitorioso era preciso fazer-se violência e cumprir fielmente os preceitos de Mitra. ⁽¹⁾

Para os mitraístas a pureza tanto do corpo como do espírito era o alvo, para onde deviam convergir todas as nossas energias. A salvação, diziam êles, é o grande ne-

(1) Como bem observa Cumont, «*Leur système dualiste était particulièrement apte à favoriser l'effort individuel et à développer l'énergie humaine. Ils ne se perdaient point, comme d'autres sectes, dans un mysticisme contemplatif; le bien résidait pour eux dans l'action*».

gócio do homem sobre a terra; nada lucrará quem não salvar a sua alma. E' devido a estas idéas que o Mitraísmo chegou até a tingir-se dum certo rigorismo ascético. Os seus sacerdotes, pelo menos os mais graduados, não podiam casar senão uma vez, como nos diz Tertuliano: Eles tambem tinham os seus Ascetas e as suas Virgens, como nos diz o mesmo autor. Em suma, ninguém devia abeirar-se do altar da divindade, sem se sentir puro tanto no corpo como no espirito. Mitra era santo, como no-lo atestam os seus monumentos: «Mithra Sanctus», «Juvenis Incorruptus», e santos deviam ser portanto os seus adoradores. ⁽¹⁾

Resta-nos agora tratar de um dos problemas mais complicados da questão mitraítica, isto é, das relações, que existiram entre o Cristianismo e o Mitraísmo, nos primeiros tres séculos da nossa era. Infelizmente são poucos, muito poucos os documentos que possuímos para uma solução completamente satisfatória desta questão.

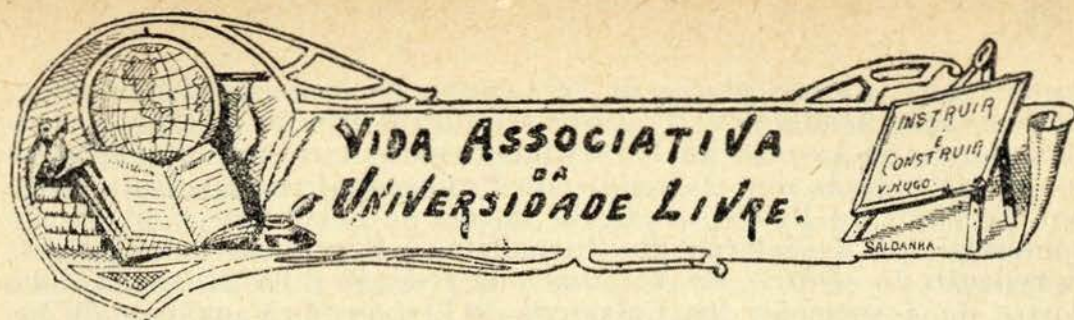
Os cristãos, como tivemos já ocasião de observar, destruíram com um cuidado especial tudo quanto hoje nos poderia elucidar neste ponto; por isso vemo-nos forçados a deduzir quasi sempre as nossas conclusões de um ou outro fragmento dos monumentos mitraíticos, que se tem conseguido descobrir ou de breves alusões, que se nos deparam em autores geralmente hostis, pouco favoraveis ou pelo menos indiferentes para com o Mitraísmo.

Ora, que o Mitraísmo nas suas linhas gerais, tal qual nós o achamos no mundo romano, existia antes do Cristianismo é um ponto praticamente assente. A época em que o Mitraísmo deve ter recebido a sua forma definitiva é a das conquistas da Macedónia; portanto quando entrou no império romano havia já de ha muito cristalizado nos seus dogmas e ritos. Tal é o sentir dos críticos independentes.

A identidade das fórmulas hieráticas, nos tempos e nos lugares mais afastados é um factor de valor, que nos vem confirmar na mesma opinião.

(Continúa no proximo numero).

(1) Yasht x, 120, 122.



O protesto contra a destruição de monumentos artísticos da Belgica e França

A Universidade Livre vendo que as associações artisticas se não manifestavam contra as atrocidades praticadas pelo militarismo prussiano destruindo a bela cathedral de Reims e a inestimavel Universidade Catolica de Louvain, resolveu convocar a uma reunião, na sua séde, todas as Associações academicas, artisticas e scientificas, para se acordar na fórmula mais solene de se lavrar um veemente protesto contra actos só proprios de hordas selvagens. Para tal fim dirigiu, pois, um officio do teor seguinte áquelas associações:

Ex.^{ma} Sr. Os inqualificaveis atentados de lesa civilização cometidos pela soldadesca teutonica, lançando assim um labeu indelevel sobre um dos primeiros nucleos humanos e dos quaes evidentemente não é responsavel a filosofica e intelectual Alemanha, fóco brilhantissimo da sciencia e das artes, não podiam ser do conhecimento do mundo culto sem que este lavrasse o seu mais veemente e caloroso protesto de reprovação.

Assim, de facto, no mundo inteiró, ainda entre os mais afastados confins da civilização, um brádo de fermente indignação se tem elevado, consolador e nobre, magoado e clamoroso, contra os injustificaveis bombardeamentos da Universidade de Louvain e cathedral de Reims, — a primeira riquissimo repertorio do pensamento humano e a segunda maravilhosa obra d'arte, verdadeira joia mundial, pertencente ao patrimonio universal.

Em tal conjuntura a «Universidade Livre», como instituição de ensino popular, comquanto seja uma celula microscopica do grande organismo constituido pelas inumeras associações suas congenéres, esparsas por todo o mundo, entendeu que lhe cumpria não se quedar inane e silenciosa ante a celeuma Universal, unindo a sua débil, mas energica voz, ao côro de repulsaõ que taes atentados tem feito brotar do coração de todos os povos educados nos hodiernos sentimentos de amor, de respeito e de generosidade.

Assim, para que essa débil vós tenha mais brilho e seja mais notorio o seu clamôr, dando a eloquencia e a autoridade que, por si só, lhe faltariam, o Conselho Administrativo da «Universidade Livre» solicita a honra da comparencia de V. Ex.^a ou de um representante na séde da mesma Universidade, Praça Luis de Camões, 46, 2.^o, pelas 21 horas do dia 26 do corrente mês, a fim de sobre o assunto em referencia ser discutido e aprovado um protesto solene e bem sentido. Saude e Fraternidade. Lisboa, 23 de Setembro de 1914. Pelo Conselho Administrativo, O Presidente, (a) Antonio Maria Pires.

A reunião teve, de facto, logar no salão da Universidade Livre, pelas 21^h,45^m do dia 26 de setembro ultimo; comparecendo: o Dr. Julio de Matos, Reitor da Universidade de Lisboa e representantes da Academia de Sciencias de Portugal, da Liga Latina Slava; da Liga Anti-germanica; da Academia dos Estudos livres; da Associação dos

arqueologos; da Associação de Estudantes de Medecina Veterinaria; da Federação Academica; da Associação d'Instrucção ás Classes Trabalhadoras; da Associação dos Estudantes do Curso Superior d'Agronomia; da redacção de «*O Seculo*»; do Professorado do Instituto Superior Tecnico; do Professorado da Escola de Belas Artes; do Ateneu Comercial; da Associação dos Jornalistas e Escriitores Portuguezes; da redacção do «*Diario de Noticias*»; da redacção d'«*A Montanha*» do Porto; da Associação dos Caixeiros de Lisboa; da Faculdade de Letras; do Gremio Lusitano; da redacção de «*A Republica*»; da Associação dos Alunos da Escola Colonial; etc.

Enviaram a tão importante assembleia, cartas de calorosa adesão ao pensamento que ditou o convite: Dr. Sebastião de Magalhães Lima; Agostinho Fortes; J. D. Leote do Rego; a Sociedade de Geografia e Alexandre Ferreira.

Presidiu á selecta reunião o distinto academico Antonio Cabreira secretariado por um representante da imprensa da capital Jorge Saavedra, redator de «*O Seculo*» e pelo representante da «Universidade Livre» Augusto Antonio Pedro dos Santos.

Foram lidas as seguintes moções e propostas: Pelo sr. Presidente da Assembleia Antonio Cabreira:

A Academia de Sciencias de Portugal, em nome do Direito e da Arte, qua teem o culto de todos os homens civilizados; a Liga Latino-Slava, em nome de duas raças, que neste momento derramam o seu generoso sangue na defeza sacrosanta da Liberdade e da Independencia; e a Liga Anti-Germanica, que traduz a revolta de todas as consciencias honestas e reflecte já a tremenda condenação historica do barbarismo alemão; — formulam perante esta Assembleia, que representa o escol da intellectualidade portuguesa, o mais caloroso, indignado e solene protesto contra as execrandas atrocidades perpetradas pelo mesmo barbarismo, com audaz, sistematico e cinico desprezo das leis internacionais, no que teem de mais nobremente humano, e dos proprios preceitos da Honra, pois que os Hospitais, os feridos, as vidas inermes de velhos, mulheres e crianças, a propriedade particular e preciosas riquezas artisticas e bibliograficas teem sido ferozmente sacrificadas a um monstruoso ideal de destruição, de assassinio e de rapina; e proclamam a impreterivel necessidade moral e social de as Nações de todo o mundo rescindirem todos os tratados e cortarem todas as relações de qualquer especie com a Alemanha, por este imperio se ter incompatibilizado, em absoluto, com o espirito da Civilização Moderna. Lisboa, 26 de Setembro de 1914. (aa) *Teofilo Braga*, presidente da Academia de Sciencias de Portugal; *Alfredo Schiappa Monteiro*, presidente da Liga Latino-Slava; *Antonio Cabreira*, iniciador da Liga Anti-Germanica.

Pelo sr. Presidente do Conselho Administrativo da «Universidade Livre», Antonio Maria Pires:

Moção: Os representantes dos estabelecimentos e associações academicas, artisticas e scientificas de Lisboa, reunidos em sessão conjunta na sede da «Universidade Livre», apreciando os abominaveis atentados de que a civilização tem sido victima no triste desenrolar da actual guerra, e, não lhe meracendo especial referencia as perdas pessoas que tanto lar enluctam por ser essa a mais tragica mas tambem a mais logica consequencia do estado de guerra, passa a criticar a obra de destruição que a soldadesca alemã tem perpetrado nos territorios belga e francês, revelando assim um antipatico egotismo que não admite qualquer elevada explicação filosofica; Considerando que se tem feito ruir muita preciosidade artistica e scientifica que não

é patrimonio dum povo mas sim pertença do inestimavel escriptorio das produções do genio humano, onde quem tocar com mão facinora ficará perpetuamente marcado com o mais indelevel ferrête da ignominia; Tendo em vista as comunicações recentemente feitas ao mundo civilisado pelos governos da Inglaterra, França e Belgica, quanto á destruição da Universidade Catolica de Lovain com a sua valiosissima biblioteca e da maravilhosa maquina arquitetonica de Reims; Resolveu: apresentar aos Ex.^{mos} Representantes diplomaticos da Belgica e França o seu mais veemente e bem sentido protesto por tão inqualificaveis atentados de lesa civilisação.

Pelo sr. Cardoso Gonçalves, da Academia de Estudos Livres:

Considerando que o protesto do Povo Português contra o acto brutal e inutil da destruição da catedral de Reims e Universidade de Louvain deve revestir um character perduravel e eloquente, tenho a honra de propôr: 1.º — Que se dirija uma mensagem á Nação Francêsa e á Nação Belga, em que se signifique o sentimento de repulsão do Povo Português pelo revoltante procedimento do exercito alemão, destruindo obras de arte, que eram o legitimo orgulho do genio humano; 2.º — Que essa mensagem seja escrita por um dos nossos mais notaveis homens de letras e assináda, em nome do Povo Português, pelos representantes das Universidades e Academias; 3.º — Que a mensagem constitua por si propria uma obra de arte para que seja pedido o concurso da Imprensa Nacional e Sociedades de Belas Artes; 4.º — Que da mesma mensagem sejam tirados um numero restricto de exemplares destinados aos Chefes de Estado dos paizes aliados, ao Presidente da Republica Portuguesa, ás Universidades e Arquivos e Bibliotecas Nacionais dos referidos paizes aliados e de Portugal; 5.º — Que para custear as despesas seja aberta uma subscrição publica, não podendo ser a quota individual superior a 5 centavos, e destinando-se o saldo, se o houver, á Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha com applicação especial ao tratamento dos nossos soldados expedicionarios; — 6.º Que a execução desta proposta, se merecer aprovação, seja entregue á comissão que fôr hoje aqui nomeada. Lisboa, 26 de Setembro de 1914. — *J. Cardoso Gonçalves*, delegado da Academia de Estudos Livres.

Pelo sr. Marinha de Campos, representante do jornal *A Montanha* do Porto:

Proponho: Que a Universidade Livre nomeie imediatamente uma comissão executiva para levar a efeito: 1.º Uma manifestação de simpatia á Inglaterra representada pela guarnição do couraçado inglês que deve entrar no Tejo na proxima segunda feira. 2.º Uma manifestação de simpatia á França e Belgica representadas pelos seus ministros em Lisboa. 3.º A redação, impressão e distribuição de protestos contra os vandalismos cometidos pelos exercitos alemães na Belgica e na França, em conformidade com as propostas que heste sentido forem aprovadas. 4.º Uma demonstração ao governo de que a opinião publica o apoia conscientemente e com todo o entusiasmo em todos os actos tendentes a exteriorisar a nossa simpatia pela França, Inglaterra e Belgica e a provar materialmente a nossa vitalidade de Nação independente.

Durante a discussão usaram da palavra, orando com grande elevação, os srs. Dr. João de Menezes, Cardoso Gonçalves, Nogueira, de Brito, Marinha de Campos, Charles Lepierre, Matos Sequeira, Loureiro da Fonseca e Antonio Maria Pires.

Finda a inscrição dos oradores foram novamente lidas as moções e propostas sendo aprovadas a lida por Antonio Cabreira, a da Universidade Livre e a proposta Marinha de Campos, findo o que, pe-

diu a palavra o secretario geral da Universidade Livre, João Gualberto do Nascimento Pires que propoz os nomes que deviam constituir a Comissão Executiva, a qual redigiria o protesto e convidaria o povo de Lisboa a um cortejo para acompanhar a mesma Comissão Executiva a entregar os protestos nas Legações da França e da Belgica; o que foi unanimemente aprovado; ficando, desta fórma, constituida a Comissão Executiva pelos cavalheiros seguintes: Doutor Teofilo Braga, Presidente; Sebastião de Magalhães Lima, General Schiappa Monteiro e Antonio Cabreira, vice-presidentes; Marinha de Campos e Augusto Antonio Pedro dos Santos, secretarios; e vogaes: José da Costa Pina, Jorge Saavedra, J. Cardoso Gonçalves, Raul de Almeida, Nogueira de Brito, Matos Sequeira, João Carlos Marques, Armando Simões e Eduardo Santos.

Encerrada a assembleia geral pelas 23^h, 30^m, reuniu, acto continuo, a Comissão Executiva resolvendo ir cumprimentar o almirante De Robeck, comandante do cruzador inglês Argonaut que entraria no porto de Lisboa no dia 28 do mesmo mez a saudar a bandeira da Republica Portuguesa, convidando-se o povo de Lisboa a receber na Praça do Comercio o mesmo almirante no seu desembarque com destino aos cumprimentos officiaes do estilo.

A Comissão Executiva desempenhou-se da sua missão no dia 28 de setembro indo no Dragão a bordo do Argonaut apresentar ao almirante De Robeck a saudação do teor seguinte:

Senhor almirante e senhores officiais—O Povo português não sauda apenas nos officiais da gloriosa marinha de Sua Magestade Britanica o Povo Inglês seu aliado de seculos. Nesta hora tormentosa para a humanidade a Inglaterra surge como defensora dos direitos dos povos, combatendo ao lado da França, da Belgica e da Russia contra a barbarie militarista e devastadora que não respeita as mais solenes convenções internacionais que representam compromissos de honra contraídos perante a Historia. O Povo Português sauda em vós, ilustres officiais, a nação inglesa, o seu soberano, os seus bravos soldados e marinheiros e, recordando orgulhosamente os dias em que as tropas portuguezas combateram ao lado das tropas inglesas, deseja ardentemente a vossa vitória e afirma que em qualquer momento se encontra decidido a cumprir os seus deveres de amigo e de aliado. Viva a Inglaterra! Viva a aliança luso-inglesa.

O almirante recebeu a Comissão na sua camara com requintada cortesia e agradecendo comovidamente a manifestação, disse:

Recordo com jubilo ter admirado já, a bordo de um outro navio de guerra britânico, o panorama radiante do vosso rio. Ha vinte e sete anos que por aqui passei pela primeira vez, o que significa dizer que vem de longe a minha admiração pelo povo desta capital. Tudo difere do passado, em relação ao presente. Mas hoje, como hontem, nós estamos certos dos sentimentos da nação portugueza. A Inglaterra como ha cem anos, procura dar a tranquillidade e a paz á Europa, e não esqueço que nesse passado tormentoso dividimos com os portuguezes o quinhão dessa honrosa tarefa. Bate-se a Inglaterra pela liberdade, pela justiça e pela paz e, nessa missão, não haverá hesitações nem desfalecimentos. Os meus agradecimentos mais sinceros pelas homenagens do povo português.

O Dr. Levy Marques da Costa que acompanhou a Comissão Executiva do Protesto a bordo do cruzador «Argonaut» representando a Comissão Executiva da Camara Municipal brindou a seguir o Almirante, afirmando que a manifestação de simpatia que lhe era feita

não representava sómente o sentir do povo de Lisboa mas também o de todo o povo português. Terminou saudando o rei de Inglaterra; brinde que o almirante De Robeck agradeceu saudando o Presidente da Republica Portuguesa.

Aos brindes foi servido champagne na camara dos officiaes.

Pouco depois a Comissão Executiva do Protesto recebia o Almirante nas escadas do Caes das Colunas, ao som dos hinos nacionaes inglez e português, associando-se a essa receção o povo de Lisboa com o maior entusiasmo, com verdadeiro delirio.

O povo de Lisboa que fora convidado pelo aviso que segue, compareceu em grande massa composta de individuos de todas as classes sociaes, desde as mais elevadas.

Ao Povo de Lisboa — Chega hoje ao Tejo o cruzador cou-raçado inglêz *Argonaut* que vem ás aguas territoriais portuguezas com a missão de dar á Nação Portuguesa uma prova inequivoca e solene da sua amizade e da sua consideração, neste momento gravissimo da historia em que vai remodelar-se a carta politica da Europa. O *Povo de Lisboa*, sintese perfeita de todo o *Povo Português*, compreende todo o alcance deste acontecimento politico que ha de ter no mundo inteiro uma extraordinaria retumbancia. A visita do *Argonaut* ao porto de Lisboa equivale, nesta hora tragica e incerta, á declaração formal de que se acham intimamente ligados os destinos da Inglaterra e Portugal. Afim de que o povo de Lisboa não disperse neste dia as suas demonstrações de regosijo que devem formar um conjunto grandioso e imponente, a comissão eleita na Universidade Livre de Lisboa e representando diversas agremiações scientificas, literarias e artisticas, a Maçonaria Portuguesa, a Imprensa, e outras colectividades, toma a liberdade de pedir ao Povo de Lisboa a sua comparencia no Terreiro do Paço ás doze horas, para saudar a officialidade do navio britanico na ocasião do seu desembarque.

Vencida a primeira étape voltou a Commissão Executiva do Protesto toda a sua atenção para a parte mais importante da sua missão: a mensagem de protesto ás legações Belga e Francêsa e o manifesto ao povo de Lisboa convidando-o para, em solene cortejo, acompanhar a mesma Comissão aquellas legações.

O protesto e o manifesto foram redigidos nos termos seguintes:

Excelencia: — A sciencia criminologica não assinala apenas individuos isolados como casos de insanavel loucura moral: prevê e aponta, também, morbos colectivos, em que essa loucura, pelos multiplos recursos de que o doente dispõe, conduz aos mais desastrados e horriveis efeitos.

A Alemanha constitue um caso típico de loucura moral, caracterizado pela megalomania e pelas tendencias criminosas, agravadas por uma irreprimivel falta de escrupulos. Já Tacito dizia que os germanos se esfaqueavam sem motivo.

E, na verdade, eles manifestaram sempre instintos preversos, postos ao serviço de uma ambição desmedida, que deram essas invasões com que teem ensanguentado e feito retroceder a Europa Occidental, sendo a mais tremenda a que determinou a ruína da Civilisação Romana e a anarquia da Edade Media Feudal.

E, como se não bastassem os impulsos atavicos para constituir a Alemanha num permanente perigo internacional, ainda alguns dos seus filosofos proclamam a imoral doutrina de que o Exito faz a Lei; alguns dos seus pedagogistas infiltram, pela Educação, o egotista principio da subordi-

nação do mundo inteiro a esse nefasto imperio; muitos dos seus politicos preconizam a dissolvente divisa — «La Force prime le Droit», e diversos dos seus escritores militares sustentam, sem o minimo fundamento, a razão de ser do aniquilamento total dos países inimigos.

Os frutos desta orientação e a manifestação daquela inferioridade apareceram agora, mais uma vez, constatados nas monstruosas atrocidades perpetradas pelo vandalismo germanico, com audaz, sistematico e cinico desprêso do Direito e Convenções Internacionaes, no que teem de mais nobremente humano, e dos proprios preceitos da Honra, pois que os hospitaes, os feridos, as vidas inermes de velhos, mulheres e crianças, a propriedade particular e preciosas riquezas artisticas e bibliograficas teem sido, ferozmente e com requintes de cobardia, sacrificadas a um negro ideal de destruição, de assassinio e de pilhagem.

E para em tudo se parecerem com os conquistadores barbaros, os alemães até reduziram a uma perfeita escravidão os cidadãos pacificos que arrebataram de cidades, ingloriamente destruidas.

Tão estranhos e pavorosos atentados á Civilisação Moderna abalarão profundamente a Alma Portuguesa, que tambem palpita numa raça de heroes, mas de heroes que arrancaram dos misterios da lenda e do desconhecido as maiores regiões do globo, sem nunca terem feito da guerra um recurso economico, nem da nobreza das armas o bandoleirismo de antecipadas e esmagadoras contribuições sobre cidades vencidas, nem da bravura o facinorismo dos morticinios e dos arrazamentos, e tão sómente no santo apostolado de chamar a essa Civilisação povos que muito contribuíram para a sua florescencia e poderio.

Por isso, Senhor Ministro, as Academias de Sciencias, as Escolas Superiores, as associações scientificas, literarias e artisticas, a Maçonaria, a Imprensa, a Liga Anti-Germanica, as agremiações agricolas, industriaes, commerciaes e operarias e outras colectividades consagradas á defesa e ao progresso de Portugal, reunidas, sob uma unisona vibração de sentidissima revolta, veem apresentar a Vossa Excelencia o seu mais caloroso, indignado e solene protesto contra os crimes hediondos de que teem sido teatro a Belgica e a França, especializando a destruição da Biblioteca e da Universidade Catolica de Louvain e da Catedral de Reims, crimes que, para sempre, aviltarão o prussianismo, perante o Tribunal incorruptivel da Historia.

Ao povo de Lisboa:

A Comissão Executiva eleita na Universidade Livre de Lisboa para levar a efeito uma homenagem á Inglaterra, por ocasião da vinda do cruzador *Argonaut* ao Tejo e um protesto junto das legações da Belgica e da França contra as atrocidades abominaveis e os vandalismos revoltantes de que foram vitimas aquelas duas generosas nações, por parte dos exercitos alemães durante a guerra actual, vem de novo apelar para o nobilissimo Povo da Capital, sem o concurso do qual resultariam mesquinhas quaisquer iniciativas officiais ou particulares. O Povo de Lisboa, numa manifestação de simpatia cheia de imponencia, recebeu, no memoravel dia 28 de Setembro, o almirante De Robeck e o cruzador *Argonaut*, que por ordem do Governo Inglês vieram ao Tejo para saudar a bandeira da Republica Portuguesa e significar o apreço em que a velha e gloriosa Inglaterra tem o seu aliado de tantos seculos. Nessa sua attitude o Povo de Lisboa revelou simultaneamente uma grande nobreza de sentimentos e uma alta compreensão dos seus interesses politicos. A manifestação popular de 28 de Setembro constituiu um remate brilhante da obra official do estreitamento da aliança secular entre Portugal e a Inglaterra. O Povo Português mostrou estar á altura do importante papel que lhe cabe

no grandioso drama politico que se está representando no Continente Europeu. Aliado do Povo Inglês o Povo Português não pode ser indifferente aos sofrimentos das nações aliadas da Inglaterra na presente guerra, em que não é licito nem possível a qualquer nação europeia manter-se perante o tremendo confito nessa indifferença que em linguagem politica se chama neutralidade. Ha, porem, desgraças, que ensombram de tristeza ou de revolta a consciencia dos povos, independentemente dos seus sentimentos ou interesses politicos. Quando essas desgraças são a consequencia de catastrophes inevitaveis, como o terremoto de Messina e de Reggio, elas consternam profundamente: quando provêem da perversidade humana isolada ou coletiva, como a destruição propositada da famosa Universidade de Louvain na Belgica e da celebre cathedral de Reims na França, indignam até á exaltação. A esses dois actos infames de premeditado vandalismo equivaleria a destruição criminosa da nossa Universidade de Coimbra com os seus 5 seculos de formosas tradições, ou do convento da Batalha a que está ligada a ideia da independencia da Patria Portuguesa ou do mosteiro dos Jeronimos que evoca as mais puras e fulgurantes glorias de Portugal. Louvain era o legitimo orgulho da Belgica. Reims é a historia do nascimento auspicioso da França. Os exercitos alemães sem a reprovação de toda a Alemanha bombardearam sem necessidade e sem utilidade aqueles dois monumentos historicos, um dos quais guardava dentro de si um rico tesouro de sciencia e o outro era por si proprio uma valiosissima preciosidade artistitica. A Alemanha militarista cobriu-se de oprobrio, porque cometeu um crime sem atenuantes e sem precedentes. E' contra este crime execravel que a Comissão eleita na Universidade Livre de Lisboa redigiu um veemente protesto que no proximo domingo, 4 de Outubro, vae depôr nas mãos dos representantes da honrada Belgica e da magnanima França. Para esse fim reunirá ás 3 horas e meia da tarde, na vasta esplanada de S. Pedro de Alcantara, onde aguardará a chegada dos delegados dos institutos scientificos, literarios e artisticos, das associações comerciais, industriais, agricolas e operarias, das agremiações politicas, das sociedades de sport, musicais e de recreio, Maçonaria Portuguesa, Associação do Registo Civil e do Livre Pensamento, Imprensa, Academia, com as suas bandeiras e estandartes, e de todos os cidadãos que queiram concorrer para a solenidade de um acto destinado a evidenciar a cultura intelectual, as virtudes civicas e os sentimentos humanitarios do Povo Português.

No dia 4 d'outubro, pelas 15 e meia horas, saiu a Comissão Executiva do Protesto de S. Pedro d'Alcantara em direcção á rua da Imprensa Nacional, onde está instalada a Legação da Belgica. Era acompanhada por uma imponentissima multidão onde se viam representadas todas as classes sociaes, inumeras associações fazendo-se acompanhar de muitas e variadas bandeiras. Abrilhantava o cortejo, desacompanhado de policia civica, por desnecessaria, a banda da Republica.

Da rua da Imprensa Nacional dirigiu-se o cortejo á Calçada Marquez d'Abrantes onde está estabelecida a Legação de França.

Em ambas as Legações a comissão foi recebida com a maior distincção pelos respectivos Ministros e seus secretarios, tendo o povo feito as mais quentes manifestações de apreço ás duas heroicas nacionalidades.

Finda a segunda étape seguiu-se a terceira e ultima, no dia 5 d'Outubro, a mensagem de saudação ao comandante do cruzador francês «Dupetit Thouars» que veio ao Tejo saudar a bandeira portuguesa no dia do 4.º aniversario da implantação da Republica.

Foi também convidado o povo de Lisboa que saudou com o maior entusiasmo os marinheiros francezes, tanto no Tejo em barcos de diferentes especies todos embandeirados, como no Terreiro do Paço onde o comandante, capitão de fragata Gervais desembarcou.

A Comissão Executiva de Protesto foi recebida a bordo do «Dupetit Thouars» na camara dos officiaes onde foi lida a saudação agradecendo-a o comandante vivamente satisfeito. O Dr. Levy Marques da Costa, Presidente da Comissão Executiva do Municipio de Lisboa saudou o Presidente Poincaré e o comandante do cruzador saudou o Presidente Arriaga.

A saudação lida e entregue era do teor seguinte:

Senhor comandante e srs. officiaes: — A presença do cruzador francez *Dupetit Thouars* nas aguas do Tejo, no momento em que um formidavel cataclismo politico, revolvendo a Europa inteira, força os povos a manifestarem as suas sympathias mutuas ou as suas antipathias reciprocas, demonstra duma maneira clara e eloquente que a França republicana faz justiça aos sentimentos de nobreza e de solidariedade da Republica Portuguesa, sua irmã mais nova. De facto, o povo portuguez, atravez de todas as vicissitudes e de todos os equivocos, nunca deixou de amar enternecidamente a França democratica, jámais deixou de vibrar de dôr ou de entusiasmo perante os seus infortunios e as suas glorias.

Quando o presidente Loubet visitou Lisboa em 1905, uma imensa multidão aclamou-o freneticamente aos gritos de *Viva a republica franceza!*, ao atravessar as ruas desta cidade num coche real, ao lado do falecido rei Carlos. Esses gritos traduziam as esperanças redemptoras do povo portuguez. Já então na alma portuguesa surgiam indissolivelmente unidas as duas democracias latinas. Portugal é pelo seu espirito, pela sua educação e pelos seus costumes o país que mais se parece com a França. As afinidades entre os dois povos são profundas. A grande Revolução franceza foi a fonte inspiradora da Revolução portuguesa, cujo 4.º anniversario nos orgulhamos de celebrar neste dia, com o testemunho dos representantes da briosa marinha de guerra da França, numa comunhão de legitimas aspirações e de nobilissimos sentimentos de liberdade e de justiça. *Viva a Republica Franceza! Viva a civilisação latina!*

Sessão solene para a inauguração dos trabalhos escolares no ano lectivo de 1914-1915

No dia 25 de Outubro sob a presidencia da Sua Ex.^a o Ministro d'Instrução Publica, secretariado pelos srs. Ferreira da Silva secretario do sr. Ministro do Fomento e seu representante e Albino Vieira da Rocha, Lente da Faculdade de Direito representando o sr. Director da mesma Faculdade: Lido o expediente foi concedida a palavra a João Gualberto do Nascimento Pires, na qualidade de Secretario do Canselho administrativo da Universidade Livre que disse:

«E' gostosamente que em nome do Conselho Administrativo da «Universidade Livre», agradeço mui reconhecidamente a extrema honra que S. Ex.^a o Ministro da Instrução Publica dispensa a esta instituição de educação popular, assistindo á sua humilde festa de inauguração dos trabalhos escolares do ano lectivo de 1914-15. E' para registar tal deferencia porquanto, é pela primeira vez que um Ministro da Republica vem estimular, com a sua

presença, o nosso fraco mas decidido esforço. Aceite, pois, S. Ex.^a os protestos da maior gratidão e reconhecimento do Conselho Administrativo da Universidade Livre.

Mais uma vez o Conselho Administrativo da Universidade Livre tem de demonstrar o seu reconhecimento aos ilustres directores e professores das varias faculdades da Universidade de Lisboa, em virtude da deferencia dispensada por Suas Ex.^{as} assistindo á sessão solene de hoje, significando, desse modo, muita consideração pelo esforço dispendido para o levantamento da educação popular em Portugal.

A's colectividades que, acquiescendo ao nosso convite, enviaram representantes á inauguração dos nossos trabalhos escolares, endereço-lhes os mais sinceros agradecimentos em nome da Universidade Livre.

Sr. Presidente: Seguindo a norma dos anos anteriores, vou sucintamente relatar os trabalhos effectuados no ano lectivo findo. Para maior facilidade de exposição dividirei esses trabalhos em duas partes; a primeira constituida pelos cursos professados na séde; e a segunda parte compreendendo as conferencias de propagação scientifica.

Ano lectivo de 1913-1914

Cursos e nomes dos professores	Numero de lições	Assistencia			Clichés	Tempo de duração
		Cava-lheiros	Senho-ras	Média		
Literatura Portuguesa						
Agostinho Fortes	20	575	169	37		23 h-35'
Francês						
Alfredo Apell.	30	2310	772	102	139	30 h-20'
Inglês						
Manoel Figueiredo Santos Gil.	28	948	330	45	127	29 h-10'
Matematica elementar						
Luciano José d'Oliveira Ribeiro	22	236	75	14		22 h-15'
Matematica para o Comercio						
Luciano José d'Oliveira Ribeiro	31	144	18	5		31 h-30'
Desenho						
Eduardo Cosmelli Sant'Ana	38	265	63	8		49 h-10'
Caligrafia						
José Soares d'Almeida	43	749	176	21		42 h-40'
Taquigrafia						
General — Joaquim Madureira Chaves	59	990	451	24		48 h-43'
Dactilografia						
Teixeira Barbosa	18	275	154	23		21 h-20'
Escrituração Commercial						
Carlos Fragoso	55	883	238	20		62 h-20'
Modelagem						
Rodrigo de Castro	63	191	2	3		120 h-45'
Soma		7566	2448		266	481 h-48'

Conferencias durante o ano lectivo de 1913-1914

Ano	Mez	Dia	Nomes dos conferentes	Local das conferencias	Tempo de duração	Assistencia		Clichés	Impressos	Assunto das conferencias
						Homens	Senho- ras			
1913	Out.	28	Antonio Ferrão	R. de S. Paulo, 104-2.º	1 h	65	11	—	—	«Arte na Escola»
»	Dez.	28	Afonso de Castilho.	Salão da Universidade	0-50m	132	19	21	500	«Portos de Mar»
1914	Jan.	18	Agostinho Fortes.	Ass. dos Ourives — C. de Sant'Ana, 144-1.º	1 h	58	11	—	—	«A função social das Ass. de Clas.»
»	»	25	Afonso de Castilho.	Salão da Universidade	0-45m	63	21	10	500	«Os faroes e as altas torres»
»	Março	4	Dr. Ladislau Piçarra	» » »	1 h	127	21	7	500	«O Corpo Humano» — 1.ª lição
»	»	5	Ten.-Carlos Corrêa Paraíso	» » »	1 h-15m	79	28	—	—	«Estado actual da Aviação na Europa»
»	»	10	Dr. Ladislau Piçarra	» » »	1 h-15m	91	27	16	500	«O Corpo Humano» — 2.ª lição
»	»	17	» » »	» » »	1 h-10m	91	23	13	300	«O Corpo Humano» — 3.ª lição
»	»	24	» » »	» » »	1 h-20m	74	16	6	200	«O Corpo Humano» — 4.ª lição
»	»	29	Frederico Simas	» » »	1 h	79	22	12	1200	«Metalurgia do ferro» — 1.ª lição
»	»	31	Dr. Ladislau Piçarra	» » »	1 h-15m	56	27	5	200	«O Corpo Humano» — 5.ª lição
»	Abril	5	Frederico Simas	» » »	1 h	97	9	18	100	«Metalurgia do ferro» — 2.ª lição
»	»	7	Dr. Ladislau Piçarra	» » »	1 h-20m	79	24	6	200	«O Corpo Humano» — 6.ª lição
»	»	14	» » »	» » »	1 h	74	16	6	300	«O Corpo Humano» — 7.ª lição
»	»	19	Frederico Simas	» » »	1 h	76	13	20	100	«Metalurgia do ferro» — 3.ª lição
»	»	26	» » »	» » »	1 h	74	8	19	100	«Metalurgia do ferro» — 4.ª lição
»	»	29	Dr. Carlos Cilia.	» » »	1 h	81	33	8	300	«Higiene Dentaria» — 1.ª lição
»	Maio	6	» » »	» » »	1 h	87	44	12	300	«Higiene Dentaria» — 2.ª lição
»	»	7	Dr. Vieira Guimarães.	» » »	1 h-10m	73	28	11	—	«Cidade de Tomar»
»	»	9	Frederico Simas	» » »	0-40m	34	1	10	—	«Metalurgia do ferro» — 5.ª lição
»	»	13	Dr. Carlos Cilia.	» » »	1 h-20m	58	35	5	200	«Higiene Dentaria» — 3.ª lição
»	Junho	7	Agostinho d'Almeida	» » »	1 h-10m	45	11	—	300	«O Mitraísmo»
Soma.					23h-30m	1693	448	205	5800	

Pelo exposto conclue-se que a obra da «Universidade Livre» tem sido bem compreendida pelo povo lisbonense, porquanto tem comparecido ás suas lições e conferencias duma maneira bem significativa.

Financeiramente a Universidade Livre luta com algumas difficuldades, pois, o numero de socios subscritores é diminuto. Os auxilios até ao presente dispensados pela Ex.^{ma} Camara Municipal de Lisboa e Provedoria Central da Assistencia Publica teem sido sobremaneira valiosos, permitindo que a nossa propaganda para o desenvolvimento da educação popular se assentue cada vez mais.

E', pois, muito conveniente que o numero de subscritores seja elevado afim da Universidade Livre alargar a sua esfera d'acção até á provincia, quer estabelecendo filiaes, quer promovendo excursões d'estudo aos principaes Monumentos Nacionaes.

Terminando, permita sr. Presidente que enderece o mais caloroso e cordeal agradecimento aos dignos professores e conferentes, cujos nomes ha momentos designei, aos quaes se deve, duma maneira inequivoca, o brilhantismo da obra da Universidade Livre. Só uma grande abnegação e amor por esta nossa Patria lhes permitiria suportar tanto trabalho e tanto esforço no desinteressado auxilio a esta instituição de educação popular.

A todos, pois, a afirmação sincera da nossa maior gratidão.

A seguir foi dada a palavra ao Dr. Carneiro de Moura, funcionario superior do Ministerio do Interior e professor da Escola Colonial, o qual comparou os trabalhos a que se dedicam as instituições como a Universidade Livre ás escolas profissionaes nos seculos XII, XIII e XIV. Faz a seguir uma resenha do que foi o genio portuguez naquele tempo; e sauda a Universidade Livre, á qual assegura largo futuro.

Por fim o Ex.^{mo} Ministro da Instrução Publica compara os trabalhos da Universidade Livre ás suas congeneres dos Estados Unidos do Brazil e da America do Norte, sendo a sua missão mais propria das instituições que lá fóra teem o titulo de Universidades Populares. Declara que prestará toda a sua atenção aos trabalhos desta Universidade Livre no novo ano lectivo, como já o fez no ano lectivo findo. Sauda carinhosamente o conselho administrativo; e declara encerrada a sessão.

Na sala havia grande concorrência de cavalheiros e senhoras que vitoriam os oradores.

LIVRO DE FRANCÊS

Editado pelo Conselho Administrativo da «Universidade Livre» está á venda este livro de que é autor o distintissimo Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa sr. Alfredo Apell, um dos professores benemeritos daquela «Universidade Livre».

E' um livro de grande alcance para quem deseje estudar a elegante lingua de Voltaire e seguir o curso da Universidade.

: Questionario :

QABEM nesta secção todas as questões de utilidade geral em versões de assuntos e temas scientificos e de conhecimentos praticos, dadas em forma de questionario. As perguntas e respostas devem ser escritas só dum lado do papel, e assinadas como se quizer, com nome ou pseudónimo; porém, pelo que respeita ás perguntas, devem elas vir sempre acompanhadas com indicação do numero e nome do socio da Universidade Livre, que as faz, e do qual só o director tomará conhecimento. A fim de facilitar as referencias, convém que nas respostas se indique sempre o numero da pergunta correspondente.

O maior laconismo possivel, compativel com a natureza e compreensão do assunto, certamente convirá a todos — ao *BOLETIM* e aos correspondentes.

Sendo a Universidade Livre uma instituição de ensino mutuo, a direcção pede encarecidamente a todos os socios que tiverem conhecimento do assunto de qualquer pergunta o obsequio de enviarem logo as suas respostas, as quais serão todas publicadas desde que não tragam algum reclamo especial com prejuizo de qualquer.

Perguntas:

45 — Algebra financeira e actuarial — Pedia a algum consocio que me indicasse obras sobre calculo financeiro e actuarial. — *Curioso.*



46 — Preparação militar — Queria saber das publicações que melhor me pudessem dar a conhecer a preparação militar — terrestre e naval — das nações actualmente beligerantes. — *Militar.*

Respostas

À pergunta n.º 42 — A biografia do Gerhardt Hauptmann é facil de encontrar num dicionario mesmo sofrível. Nasceu em 1862 em Salsbrunn na Prussia, é um dos literatos mais distinctos e muito especialmente um dramaturgo de grande valor. As suas suas peças mais afamadas são *Os Tecelões*, o *Cocheiro Henschel*, a *Assumpção de Hannele Mattern* e as *Almas Solitarias* tendo o si-

gnatario apenas conhecimento da representação em Portugal das *Almas Solitarias* por Zaconi nas suas tournées em Portugal.

Quem teve o estranho prazer intelectual de ouvir essa maravilha pode aquilatar do talento de Hauptmann.

A obra, «A Honra» que um critico nosso ultimamente disse pertencer-lhe é falso, é de Sudermann.

Hauptmann caiu no desagrado da aristocracia alemã e muito especialmente na do kromprinz por motivo duma peça que fez ha pouco em que alegoricamente quiz representar que a Germania se tinha visto livre das invasões napoleonicas, simplesmente pelo esforço do seu povo e relegando para um plano assaz secundario o esforço dos generais famosos e dos nobres alemães.

Agora foi um dos celebres signatarios do manifesto da intellectualidade alemã que tão apaixonadas criticas tem originado. — *Socio efectivo n.º 85.*



À pergunta n.º 43 — Encontra o que deseja numa colecção intitulada *Les meilleures livres* da Livraria Arthème Fayard & C.^a, Paris — cada volume 0^{fr}.10. — *Socio efectivo n.º 85.*



À pergunta n.º 44 — Na economia politica de Valadas encontra

ainda bons ensinamentos sobre a sciencia economica.

Encontra tambem em portugês a tradução duma economia dum professor londrino muito reputado, Stanley Jevons que fez um pequeno compendio com noções muito praticas. Se quer obras de maior fundo peça ás livrarias francesas ou italianas as obras de Carlos Gide e Luiz Cossa. — *Socio efectivo n.º 85.*



Balancete do mês de Outubro de 1914

DEVE (Receita)

	Saldo de Setembro.	60\$43	
Subscritores:			
	Cobrança deste mês.....	90\$24	
Efectivos:			
	Idem	13\$50	103\$74
Publicações:			
	Vendidas	25\$22	
	Anuncios no boletim ..	7\$00	32\$22
Devedores & Credores:			
	Maximiano de Souza Rodrigues		
	— s/remessa	2\$40	
	Recebido de José Fernandes.....	1\$50	3\$90
Subsidios:			
	Da Assistencia, de Setembro... .	15\$00	
	Da Camara Municipal, d'Outubro.	20\$00	35\$00
Matriculas:			
	Deste mês.....		60\$00
Cartões de identidade:			
	Vendidos	19\$10	254\$76
			315\$19

HAVER (Despeza)

Rendas:			
	Mês de Novembro	35\$00	
Publicações:			
	C/ de Eduardo Rosa, Setembro..	18\$90	
	Idem de Outubro.....	41\$40	
	C/ tipografia Mauricio.....	28\$20	
	Ao revisor.....	5\$00	93\$50
Propaganda:			
	Aluguer de uma sala.....	4\$50	
	C/ Lamas & Franklin, Setembro.	1\$80	6\$30
Percentagens:			
	Aos cobradores	10\$21	
	No Funchal.....	\$24	10\$45
Moveis e utensilios:			
	20 pranchetas para desenho		5\$30
Abonos em c/c:			
	Eugenio Carlos Nunes, s/ obrigação n.º 11.		5\$00
Despesas gerais:			
	Neste mês	84\$53	240\$08
	Saldo para Novembro.		75\$11